

**Gonnet, J. (2007) Educação para os Media: As controvérsias fecundas.**

**Porto: Porto Editora**

Luis Pereira

O número 12 da Coleção Comunicação, da responsabilidade de Joaquim Fidalgo e Manuel Pinto, professores e investigadores na Universidade do Minho, é um livro de Jacques Gonnet, professor da Universidade Paris III – Sorbonne e autor de vários livros ligados à temática da educação e dos *media*. A sedução e os equívocos em torno da educação para os *media* são o ponto de partida deste livro que pretende “discernir a ambiguidade do conceito” (p. 137), convocando e explorando diferentes ideias sobre esta ideia de educar para os *media*, cuja exigência “data, muito simplesmente, do momento em que os *media* surgiram” (p. 9).

Jacques Gonnet vai, ao longo do livro, justificando a necessidade do estudo dos *media*, desde logo, pelo lugar que ocupam na vida quotidiana. Afirma o autor que “hoje são os *media* que concretizam e moldam em grande medida a nossa percepção do mundo” (p. 6). Mais à frente, acrescenta, “na relação que invento ou que mantenho com os outros, os *media* sugerem-me imagens de paisagens desconhecidas, de mundos interiores que me submergem” (p. 49). A relação da pessoa com o mundo estrutura-se, pois, em função das informações recolhidas através dos *media*, que, “uma vez integrados, modificam profundamente o nosso comportamento e o nosso imaginário” (p. 57).

Tendo em conta tal importância, o autor destaca o papel da escola para educar para os *media*, procurando entender a evolução da instituição escolar, a sua função e exigências, de forma a enquadrar e aprofundar a ideia de educação para os *media*. A este respeito, o autor parte das controvérsias que tem gerado o entendimento deste conceito e, apoiado em Len Masterman, distingue três grandes abordagens: uma abordagem vacinatória, uma atitude de análise crítica e uma abordagem semiológica de descodificação dos *media*. Cada uma delas corresponde a uma fase.

No caso da abordagem vacinatória, a ideia é que os *media* corrompem, por isso é necessário criar anticorpos capazes de proteger os consumidores. Esta ideia subsiste ainda hoje, “com um carácter provavelmente forte, pelo menos no inconsciente colectivo” (p. 20), sugere Gonnet. A atitude crítica significou uma nova forma de ver os *media*, tentando observar o valor de um artigo, de uma obra (cinematográfica, por exemplo)... No entanto, considera-se que os educadores deviam tratar a questão do valor como algo relativo, evitando criar uma atmosfera de permanentes inibições. Quanto à terceira abordagem, a descodificação dos *media*, a ideia é a de que os *media* não mostram a realidade, apenas a representam.

Se em termos conceptuais há diferentes entendimentos, graças aos diversos contextos históricos, geográficos, culturais, a sua operacionalização demonstra uma maior coerência, como se pode verificar em programas recentes de educação para os *media* propostos por vários sistemas educativos. Através da análise de documentos

de países como Canadá, Austrália, Bélgica, Grã-Bretanha e também de Portugal, bem como da UNESCO e do Conselho da Europa, o autor conclui que os vários programas preconizam, no seu conjunto, o início da abordagem dos *media* a partir dos 6 anos de idade. Os temas propostos são, sobretudo, i) as linguagens, cujos métodos consistem, essencialmente, na desconstrução e construção de mensagens; e ii) as tecnologias, que passa por aprender a utilizar as tecnologias de uso corrente para compreender o funcionamento das grandes tecnologias mediáticas. Finalmente, é atribuído um lugar de destaque às representações, “um dos eixos basilares do trabalho educativo sobre os *media*” (p. 18), que deve levar a reflectir, por exemplo, sobre o processo de influência, observando a tipologia de um produto mediático, a quem se dirige ou quem o produz.

Esta prática de educação para os *media* contradiz a ideia de que escola e os *media* estão em concorrência, de que é exemplo maior a relação entre escola e televisão. A escola não deve ignorar esta realidade, mas antes explicar o uso que dela se pode fazer, em vez de agir como se a televisão não existisse. A televisão, tal como os outros *media*, cada qual com a sua lógica, contribuem para as percepções do mundo, “percepções que é preciso interrogar, estruturar, validar” (p. 74).

Pegando no exemplo de um jornal escolar, o autor sublinha a sua importância em relação à forma como se pode constituir como um modelo de educação para os *media*: a aprendizagem das regras de uma sociedade, o poder do que se escreve, os diálogos com a autoridade. “Fazer um jornal é uma forma de concretização de uma educação para os *media*” (p. 111), tal como a rádio ou os multimédia são bons contributos para a educação activa para os *media*. Em relação às novas práticas proporcionadas pelos multimédia, o autor reconhece que “possuem outro interesse que é preciso saber utilizar” (p. 118), sem chegar a aprofundar as problemáticas introduzidas pelos novos *media*.

Nas conclusões, o autor apresenta aquilo que considera os dois imaginários principais no que toca às ideias fundadoras do conceito educação para os *media*. Um primeiro, que é o de aprender a decifrar os *media*, para que alguém não se torne um analfabeto. Neste caso, reivindica-se a forma de uma disciplina escolar no sentido mais clássico, porque parece evidente que um trabalho aprofundado sobre os *media* se torna uma necessidade na escola actual, tal como aprender a ler e a escrever.

O segundo imaginário é o de que os *media* contribuem para repensar a escola que promove a democracia – “não se faz um jornal numa escola em regime ditatorial” (p. 138) – dando destaque à participação activa do aluno, com a sua capacidade para analisar as mensagens dos *media*, mas também para criar os seus próprios *media*. E os adeptos desta perspectiva não defendem a sua escolarização, no sentido da criação de uma nova disciplina. Consideram que uma mudança muito mais abrangente poderá ser feita na escola, ao repensar a relação com o saber, com a autoridade.

Perante estas duas concepções que “induzem comportamentos e estratégias diferentes” (p. 138), o autor propõe que se vejam as duas possibilidades como complementares, porque partilham uma certa abordagem do saber, dando resposta ao desejo humano de decifrar o mundo e de estimular uma sociedade que se interroga a si própria. Este desafio acaba por explicar o mote do livro, lançado no subtítulo, *as controvérsias fecundas*.

No final do livro, o autor deixa algumas sugestões de leitura, que complementam outras indicadas ao longo do livro, de autores como Barthes, Masterman, Morin, Popper, Wolton, e remete para uma selecção bibliográfica relativamente à “Semana da imprensa na escola” no site do Centre de Liaison de l’Enseignement et des Moyens d’Information (CLEMI), de que foi responsável.